



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

BULLYING E HABILIDADES SOCIAIS: REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DO PIBID DE PSICOLOGIA NAS ESCOLAS

**Ronald Ferreira de Oliveira¹; Suéllen Soares Altrão²; Lucimar Cursino da Silva³;
Jaqueline Batista de Oliveira Costa⁴**

UFGD/FCH – Caixa Postal 533, 79.804-970 – Dourados – MS, E-mail: ronal_ferreira92@hotmail.com

¹Bolsista PIBID/UFGD. ²Bolsista PIBID/UFGD. ³Supervisora do PIBID de Psicologia na E.E. Vilmar V. Matos (Dourados-MS). ⁴Professora do curso de Psicologia da UFGD/FCH e Orientadora do Subprojeto PIBID Psicologia.

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre as possíveis contribuições dos estudos na área das Habilidades Sociais para compreensão do fenômeno *Bullying* na escola. Entendido como um fenômeno caracterizado por ações agressivas, físicas ou verbais, diretas ou indiretas, intencionais e repetidas, o *Bullying* ocorre principalmente entre os estudantes, e é um tema alvo de muitas pesquisas e questionamentos na área da Educação. Em contrapartida, o campo de estudos sobre as Habilidades Sociais tem crescido bastante também, e tem se mostrado útil para se compreender e intervir nas relações interpessoais, buscando gerar relacionamentos saudáveis e produtivos. A metodologia do estudo é de natureza bibliográfica, portanto fundamenta-se nas leituras realizadas sobre o tema, ao longo das atividades desenvolvidas junto ao Pibid de Psicologia. As reflexões nos permitem considerar que o campo de Habilidades Sociais oferece muitas possibilidades de compreensão e intervenção sobre o fenômeno *Bullying*. Uma dessas contribuições é a melhora das relações interpessoais que se estabelecem na escola entre professor-aluno e dos alunos com seus pares, pois oferece aos atores escolares um modelo de comportamento socialmente habilidoso.

Palavras-chave: *Bullying*, Habilidades Sociais, PIBID de Psicologia.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) tem como um de seus objetivos norteadores a busca da articulação entre teoria e prática na formação docente (BRASIL, 2013). Logo, leituras que visem a compreensão dos problemas relacionados à



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Educação Básica, bem como a própria prática dos professores dentro e fora da sala de aula, são atividades rotineiras e bastante estimuladas pelo PIBID.

No PIBID de Psicologia da UFGD, tal objetivo é bastante evidente nas atividades realizadas nas escolas em que o presente projeto atua. Contudo, um dos questionamentos constantes consiste em destacar em que medida a Psicologia, enquanto uma ciência engajada no estudo da subjetividade humana (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 1999), pode contribuir para a educação e a prática docente.

É claro que a forma de se abordar a subjetividade, e mesmo a forma de concebê-la, dependerá da concepção de homem adotada pelas diferentes escolas psicológicas [...]. No momento, pelo pouco desenvolvimento da Psicologia, essas escolas acabam formulando um conhecimento fragmentário de uma única e mesma totalidade — o ser humano: o seu mundo interno e as suas manifestações. [...] Algumas correntes da Psicologia consideram-na pertencente ao campo das Ciências do Comportamento e, outras, das Ciências Sociais (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 1999, p. 25).

Por essa razão, dizer que se investigará as contribuições da Psicologia para determinada área ou temática envolve, automaticamente, dizer que se optará por uma das diversas áreas da Psicologia para se analisar tal fenômeno. É o caso, por exemplo, da área das Habilidades Sociais, campo de estudo que vem crescendo muito no país e no mundo, e visa promover o conhecimento das interações sociais satisfatórias entre seres humanos (BOLSONI-SILVA e MARTURANO, 2002).

O *Bullying*, fenômeno bastante estudado e comentado atualmente, foi um desses temas que instigaram pesquisas com o objetivo de compreender e propor práticas para lidar com esse problema. Durante as leituras sobre *Bullying*, surgiu como pergunta motivadora o seguinte questionamento: teria a área de Habilidades Sociais capacidade de oferecer subsídios (teóricos e práticos) aos docentes que se deparam com o fenômeno do *Bullying* na escola?

Vale ressaltar que a escolha em pesquisar sobre o tema *Bullying* ocorreu diante das solicitações da Escola Estadual Vilmar Vieira Matos (Dourados-MS) ao PIBID de Psicologia, para que este último trabalhasse esse tema com os alunos que estudam na referida escola. Dessa forma, o presente artigo discute apenas as questões teóricas que cercam o tema *Bullying*



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

e Habilidades Sociais, sem pretensão alguma de propor uma intervenção específica, que preferimos falar em outro momento.

BULLYING: HISTÓRICO E CONCEITOS ATUAIS

O *Bullying* é um fenômeno que sempre existiu, porém outras designações eram utilizadas para nomear esse conceito. A adoção universal desse termo foi decorrente da dificuldade em traduzir para diversas línguas a palavra *bully*, um verbo de origem inglesa, que significa “usar a superioridade física para intimidar alguém” (NETO, 2005; TORO, NEVES e REZENDE, 2010; ALMEIDA e LISBOA, 2014).

O fenômeno *bullying* foi estudado [pela primeira vez] na década de 1970 por Dan Olweus. Porém, o assunto se destacou em 1982 quando três estudantes na Noruega, com idade entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio, tendo como causa identificada o *bullying*. O evento impressionou a comunidade e deu início ao desenvolvimento de uma campanha anti-*bullying*, resultando também na criação de um programa de intervenção nas escolas que contou com o envolvimento de professores e pais, visando à conscientização do problema, além de promover apoio às vítimas” (TORO, NEVES e REZENDE, 2010, p. 125).

Um ponto importante nessa história que o termo *Bullying* possui é salientado por Almeida e Lisboa (2014). As autoras afirmam ser difícil dizer se a frequência com que esse fenômeno se apresenta aumentou, ou se foi o interesse social sobre esse fenômeno que gerou mais pesquisas e visibilidade (interesse motivado em função de suas consequências negativas do *Bullying* entre os jovens, incluindo suicídios, intimidações e ameaças constantes).

De qualquer forma, vale dizer que esse fenômeno chamou a atenção inclusive da Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA), que buscou sistematizar as informações sobre esse fenômeno. De acordo com Toro, Neves e Resende (2010), a ABRAPIA propôs que o termo *Bullying* seja compreendido como ações agressivas, físicas ou verbais, intencionais e repetidas, que ocorrem entre os estudantes sem um motivo



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

específico, em que um indivíduo ou mais causam angústia e dor ao outro, estabelecendo assim uma relação desequilibrada de poder.

Complementando essa definição, Trevisol e Dresh (2011) afirmam que o *Bullying* é uma prática que ocorre entre iguais, não se restringindo apenas ao espaço escolar ou somente ao público infante-juvenil. Está relacionado a atitudes agressivas, intencionais e que se repetem, causando dor e angústia, sofrimento físico e/ou psicológico. Um caso interessante é a questão dos famosos apelidos de escola, que muitas vezes, ultrapassam os limites da mera brincadeira e diversão entre iguais. Para Trevisol e Dresh (2011, p. 42), “se as crianças ou o adolescente que receberam o apelido se sentirem ofendidos, e se os colegas insistirem na brincadeira, esta deixa de ser brincadeira e passa a ser uma agressão”.

Camargo (2010 apud TREVISOL e DRESH, 2011, p. 43) defende que o *Bullying* é um fenômeno global,

podendo ocorrer em praticamente qualquer contexto no qual as pessoas interajam, tais como escola, faculdade/universidade, família, mas pode ocorrer também no local de trabalho e entre vizinhos. Há uma tendência de as escolas não admitirem a ocorrência do bullying entre seus alunos; ou desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo. Esse tipo de agressão geralmente ocorre em áreas onde a presença ou supervisão de pessoas adultas é mínima ou inexistente.

Neto (2005) aponta duas classificações rotineiras sobre as formas como o *Bullying* ocorre e/ou se apresenta. Uma dessas formas é o *Bullying* direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, e engloba várias formas de manifestações, entre elas os apelidos, as agressões físicas, as ameaças, os roubos, as ofensas verbais ou as expressões e gestos que geram mal estar aos alvos. Por sua vez, o *Bullying* em sua forma indireta abrange atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos. Antunes e Zuin (2008) apresentam uma classificação um pouco mais refinada e descritiva, afirmando que

[...] o que se chama por *bullying* é dividido da seguinte maneira: **diretos e físicos**, que inclui agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, ou a ameaça desses itens; **diretos e verbais**, que incluem insultar, apelidar, “tirar



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

sarro”, fazer comentários racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro; e **indiretos** que incluem a exclusão sistemática de uma pessoa, realização de fofocas e boatos, ameaçar de exclusão do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento, ou, de forma geral, manipular a vida social do colega (p. 34, grifo nosso).

Há ainda o *Cyberbullying*, uma forma de violência virtual que não é público, ou seja, a vítima é agredida, via computador ou celular, onde ninguém vê. “Os que agredem estão acomodados em suas casas ou em outros lugares, sozinhos, não é preciso nenhum tipo de contato pessoal” (TREVISOL e DRESH, 2011, p. 47). Freire e Aires (2012) contribuem ainda mais para o entendimento dessa manifestação do *Bullying*. De acordo com eles,

o *ciberbullying* se caracteriza pelo uso de e-mails, mensagens de celulares, fotos digitais e sites pessoais difamatórios como recursos para a adoção de comportamentos repetidos e hostis, de um indivíduo ou grupo, que pretende causar danos a outros. Os agressores que utilizam o *ciberbullying* se motivam pelo anonimato, pois utilizam apenas apelidos ou se fazem passar por outras pessoas (p. 56).

É importante ressaltar que a vítima não recebe apenas um tipo de ataque. Na maioria dos casos, o contrário é o que mais ocorre, pois de acordo com Trevisol e Dresh (2011), são os ataques combinados que ocorrem com mais frequência no ambiente escolar.

A ABRAPIA, ao sistematizar o entendimento sobre o *Bullying*, também caracterizou os indivíduos relacionados ao fenômeno, nomeando-os como **autores, alvos, espectadores e alvos/autores**. Freire e Aires (2012) salientam que essa nova forma de classificação tem o cuidado de não rotular os estudantes, evitando que sejam estigmatizados pela sociedade.

Os autores são aqueles alunos que apresentam um comportamento agressor e provocador, e no caso específico dos alvos/autores, há como particularidade o fato deles também sofrerem agressões. Para Martins (2005 apud ANTUNES e ZUIN, 2008), os autores do *Bullying* costumam agir com dois objetivos: primeiro para demonstrar poder, e segundo para conseguir uma afiliação junto a outros colegas. Trevisol e Dresh (2011) apontam que autores são, geralmente, pessoas vistas como “populares” dentro do contexto em que estão.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Os alvos são, dentro dessa perspectiva, os que sofrem com as agressões, sejam elas diretas ou indiretas, no ambiente real ou virtual (como já visto anteriormente). A partir de pesquisas empíricas, Trevisol e Dresch (2011) ressaltam as particularidades mais comuns dos alvos do *Bullying*. Para as autoras, tais particularidades são a obesidade, a estatura e a deficiência física. “Porém, não somente o que é possível ver que é motivo de humilhação, pois também aí se encaixam a questão religiosa, orientação sexual e as diferenças culturais” (p. 45).

Por fim, os espectadores são aqueles que não participam de forma direta das agressões, mas sofrem as consequências das mesmas por presenciarem situações vividas por colegas na escola. Os autores Toro, Neves e Resende (2010) defendem a inserção desse grupo de indivíduos no fenômeno *Bullying*, pois para eles, “o *bullying* não envolve apenas a vítima e o agressor, mas também os sujeitos que testemunham, presenciam e, muitas vezes, por medo ou por não saberem reagir, calam-se diante da violência” (p. 127).

O *Bullying* é um fenômeno social de grande relevância, que possui características específicas, e por isso, deve ser analisado a partir das peculiaridades de cada contexto (FREIRE e AIRES, 2011). Para se lidar com esse problema, principalmente dentro do contexto escolar, a literatura consultada aponta para a necessidade de se considerar a subjetividade dos envolvidos, bem como as características sociais, culturais e econômicas de cada realidade em que o *Bullying* se apresenta como problema a ser superado ou, pelo menos, minimizado.

BREVE APRESENTAÇÃO DO CAMPO TEÓRICO DAS HABILIDADES SOCIAIS

Figuras de destaque no que diz respeito ao estudo e conceituação das Habilidades Sociais, tais como Del Prette e Del Prette (2001) afirmam que na atualidade, o termo Treinamento de Habilidades Sociais (THS) constitui um campo de investigação e de aplicação do conhecimento psicológico sobre o desempenho social (as Habilidades Sociais) dos indivíduos. Tal área tem como figura histórica pioneira o pesquisador Salter, que em 1949



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

estabeleceu bases teóricas também para o que hoje se chama terapia comportamental. Alguns anos depois, outro nome de destaque que surgiu foi o pesquisador Wolpe, que em 1958 cunhou o termo “comportamento assertivo”, que de acordo com Bolsoni-Silva e Marturano (2002), era um termo que se referia à expressão de sentimentos negativos e defesa dos próprios direitos.

Desde então, a área das Habilidades Sociais foi se tornando sinônimo de comportamento assertivo, mas como aponta Del Prette e Del Prette (2005), é um termo que aplica-se às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que contribuem para a competência social, favorecendo um relacionamento saudável e produtivo com as demais pessoas. Por isso a expressão é sempre usada no plural.

“As pessoas menos familiarizadas com a área das habilidades sociais tendem a representá-la em um sentido normativo de ‘boa educação’ ou de cumprimento dos ritos próprios da convivência social, associando-a exclusivamente a termos como traquejo social, etiqueta, civilidade e fineza” (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2005, p. 32)

Para apresentar uma definição mais coerente e menos normativa, Caballo (1996 apud BOLSONI-SILVA e CARRARA, 2010) apresenta uma articulação conceitual entre habilidades sociais e expressão de atitudes, sentimentos, opiniões e desejos, enfatizando o respeito a si próprio e aos outros, bem como a resolução de conflitos e problemas imediatos e a diminuição da probabilidade de problemas futuros. Para ele, Habilidades Sociais engloba

a) habilidades sociais de comunicação: fazer e responder a perguntas; gratificar e elogiar; pedir e dar feedback nas relações sociais; iniciar, manter e encerrar conversação; (b) habilidades sociais de civilidade: dizer “por favor”; agradecer; apresentar-se; cumprimentar; despedir-se; (c) habilidades sociais assertivas de enfrentamento: manifestar opinião, concordar, discordar; fazer, aceitar e recusar pedidos; desculpar-se e admitir falhas; estabelecer relacionamento afetivo/sexual; encerrar relacionamento; expressar raiva e pedir mudança de comportamento; interagir com autoridades; lidar com críticas; (d) habilidades sociais empáticas: parafrasear, refletir sentimentos e expressar apoio; (e) habilidades sociais de trabalho: coordenar grupo; falar em público; resolver problemas, tomar decisões e mediar conflitos; habilidades sociais educativas; e (f) habilidades sociais de



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

expressão de sentimento positivo: fazer amizade; expressar solidariedade e cultivar o amor.” (BOLSONI-SILVA e MARTURANO, 2002, p. 333).

Dessa forma, o conceito de comportamento socialmente habilidoso refere-se (embora não haja unanimidade em relação à essa definição) à expressão, pelo indivíduo, de atitudes, sentimentos, opiniões, desejos, respeitando a si próprio e aos outros, existindo, em geral, resolução dos problemas imediatos da situação e diminuição da probabilidade de problemas futuros (BOLSONI-SILVA e CARRARA, 2010; DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2001).

Assim, dentro dessa perspectiva, autores que se debruçaram sobre essa área buscaram diferenciar os tipos de comportamentos sociais de acordo com suas consequências no meio em que ocorrem, chegando aos termos comportamento assertivo, não assertivo e agressivo.

A “assertividade é o processo pelo qual o indivíduo expressa sentimentos, pensamentos de forma adequada, ou seja, utiliza entonação, latência e fluência de fala apropriadas; ouve o interlocutor para então responder, de forma a atingir seus objetivos sem prejudicar as relações futuras com o mesmo” (BOLSONI-SILVA e MARTURANO, 2002, p. 229). A não-assertividade, por sua vez, ocorreria quando o indivíduo não expressa seus sentimentos ou seus pensamentos ao interlocutor, se comportando, na maioria das vezes, contra a própria vontade, ou deixando de defender-se por medo de prejudicar sua relação futura com o interlocutor e inibindo a expressão de sentimentos.

Já o comportamento agressivo, por sua vez, seria aquele que permitiria ao indivíduo atingir os objetivos desejados, mas magoando seu interlocutor (ou seja, fazendo escolhas por ele ou desvalorizando-o). Para Bolsonari-Silva e Marturano (2002), o comportamento assertivo permite a auto-apreciação do emissor e uma expressão honesta de seus sentimentos, geralmente atingindo os objetivos desejados, não prejudicando a si mesmo, nem o receptor.

Comportamentos assertivos, não-assertivos e agressivos podem ser gerais ou situacionais, isto é, há pessoas que possuem sempre ou a maior parte do tempo o mesmo padrão de comportamento, enquanto que outras, dependendo da situação e/ou do interlocutor, emitem comportamentos de natureza distinta. Assim, um adulto pode se comportar de forma não-assertiva em situação de trabalho (por não saber enfrentar assertivamente o chefe e temer o desemprego) e agressiva ao chegar em casa (porque, por exemplo, a esposa e filhos não vão reagir como o chefe poderia



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

fazer e, também, como esta pessoa não expressou, durante todo dia, vários sentimentos e opiniões, chega um momento em que acaba sendo agressiva, por vezes, com o interlocutor errado) (BOLSONI-SILVA e MARTURANO, 2002, p. 229).

Por último, vale afirmar que o campo das Habilidades Sociais apresenta uma grande diversidade de abordagens teóricas que se voltam para explicá-las, como as teorias humanistas, sistêmicas, cognitivistas e comportamentalistas, mas as intervenções predominantes são, principalmente, de origens cognitivas e comportamentais (MURTA, 2005).

DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as leituras do material encontrado, tanto sobre *Bullying*, quanto sobre Habilidades Sociais, ficou evidente que os conceitos guardam semelhanças íntimas entre si. O exemplo mais claro são os conceitos de autores e alvos do *Bullying*, muito utilizado para se definir quem tem alguma relação com o fenômeno, e os termos “comportamento agressivo” e “comportamento não assertivo”, muito embora esses dois últimos termos não se refiram a indivíduos, mas sim a comportamentos desses indivíduos.

Outro ponto importante foi o caráter situacional inerente à teoria das Habilidades Sociais, no qual um mesmo indivíduo pode apresentar comportamentos não assertivos em determinados contextos, e comportamentos agressivos em outros (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2001; DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2005; BOLSONI-SILVA e MARTURANO, 2002). Nas leituras feitas sobre o *Bullying*, foi possível constatar que não são todos os contextos em que os autores do *Bullying* apresentam seus comportamentos agressivos. Além disso, o mesmo indivíduo pode ser autor ou, dependendo do contexto, alvo do *Bullying*, como deixa claro Freire e Aires (2012) com o exemplo dos autores/alvos, que além de praticarem o *Bullying*, também sofrem com ele.

Dessa forma, partimos da ideia de que a escola tem fundamental importância no desenvolvimento do ser humano, e não apenas no nível cognitivo, mas a nível social e



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

emocional também. Por isso, pensar em formas de lidar com o *Bullying* é, também, pensar na responsabilidade do docente. Pesquisas denunciam que o professor muitas vezes percebe a prática do *Bullying* entre os alunos, porém não intervém de forma assertiva. Na maioria dos casos, por não saber como lidar com o fenômeno. Nesse sentido, consideramos a necessidade de um processo formativo, que habilite o professor para intervir no sentido preventivo.

Todavia, os professores desconhecem a teoria das Habilidades Sociais, o que os impede de intervir assertivamente. Essa carência formativa leva-os a atuar de forma punitiva ou a se omitirem diante de um fenômeno que acarreta tanto sofrimento às suas vítimas. Nesse sentido, questionamos: o conhecimento acerca do campo das Habilidades Sociais não daria ao professor condições de atuar de forma preventiva diante da prática *Bullying*?

Contudo, nos convém lembrar que, a violência na escola é sintoma da crise das relações sociais e, portanto, não se restringe à esfera escolar; a vivência de violência na escola tem características peculiares e danifica vínculos, prejudicando o desenvolvimento do sujeito nas esferas afetivas, cognitivas e sociais (TORO, NEVES E RESENDE, 2014). Assim, embora os professores possam oferecer sua parcela de contribuição, sabemos o problema é extremamente complexo, e, portanto, exige múltiplos olhares e diferentes estratégias de intervenção.

Ainda nessa linha de pensamento, Freire e Aires (2012) defendem uma visão ecológica (com base nas ideias de Urie Bronfenbrenner) para se compreender o fenômeno *Bullying*. Nessa visão, o meio ambiente não se limita a um ambiente único ou apenas ao contexto imediato em que o indivíduo está inserido, mas inclui as interconexões entre vários ambientes, bem como as influências que provêm de meios mais amplos. Logo, apesar do espaço escolar ser o contexto onde mais pesquisas e reflexões sobre o *Bullying* ocorrem, é importante notarmos que esse é um fenômeno social, que ultrapassa as portas da sala de aula.

Obviamente, esse é um raciocínio que dá poucas esperanças ao professor, principalmente se ele sabe que a escola é incumbida de várias funções pela sociedade em que se insere. Dentre elas, a “[...] **função social**, ao compartilhar com a família a educação de crianças e jovens, **função política**, quando contribui na formação do cidadão, e **função**



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

pedagógica, na medida em que é local privilegiado para transmissão e construção de conhecimento” (TORO, NEVES e RESENDE, p. 124, grifo nosso).

No entanto, as possibilidades de interpretações e intervenções que a área das Habilidades Sociais oferece para se lidar com o *Bullying* são inegáveis. Mesmo não conseguindo abarcar toda a complexidade do fenômeno, esse campo de estudos oferece uma melhor clareza sobre as interações sociais que temos com os demais e as consequências dessas interações a curto e longo prazo. Se há um locus capaz de gerar grandes mudanças, esse locus é a relação professor-aluno. Caballo (1996 apud BOLSONI-SILVA e CARRARA, 2010), ao defender que um indivíduo habilidoso socialmente é capaz de expressar atitudes, sentimentos, opiniões e desejos sem causar danos no próximo, nos fez pensar que um modelo apresentado em sala de aula diminuiria os problemas relacionados ao *Bullying*. Por isso, se não se esgota aqui as possibilidades do campo das Habilidades Sociais, esse seria um primeiro passo para lidar com o *Bullying*. Dessa forma, é possível que, ao se instalar relações sadias e produtivas entre professor e aluno, esse modelo de relacionamento interpessoal se generalize para as demais situações em que esses alunos se encontrarem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.S.; LISBOA, C. Habilidades sociais e Bullying: uma revisão sistemática. Contextos Clínicos, v. 7, n. 1, p. 62-75, 2014.

ANTUNES, D.C.; ZUIN, A.A.S. Do Bullying ao Preconceito: os desafios da barbárie à educação. Psicologia & Sociedade, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008.

BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOLSONI-SILVA, A.T.; CARRARA, K. Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 330-350, 2010.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

BOLSONI-SILVA, A.T.; MARTURANO, E.M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 227-235, 2002.

BRASIL. CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria Nº 096, de 18 de Julho de 2013.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z.A.P. *Psicologia das Habilidades Sociais - Terapia e Educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

DEL PRETTE, Z.A.P.; DEL PRETTE, A. *Psicologia das Habilidades Sociais na Infância*. Petrópolis: Vozes, 2005.

FREIRE, A.N.; AIRES, J.S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP, v. 16, n. 1, p. 55-60, 2012.

MURTA, S.G. Aplicações do Treinamento em Habilidades Sociais: Análise da Produção Nacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 18, n. 2, p. 283-291, 2005.

NETO, A.A. L. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5 (supl), p. 164-172, 2005.

TORO, G.V.R.; NEVES, A.S.; REZENDE, P.C.M. Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. *Psicologia: teoria e prática*, v. 12, n. 1, p. 123-137, 2010.

TREVISOL, M.T.; DRESCH, D. Escola e Bullying: a compreensão dos educadores. *Revista Múltiplas Leituras*, v. 4, n. 2, p. 41-55, 2011.